

JOANNA REES

*MENINA RICA,
MENINA POBRE*

TRADUZIDO DO INGLÊS POR

MARGARIDA LUZIA

ASA

Alemanha de Leste, 1971

O *Trabant* branco e sujo parou no meio da floresta, com o chiar estridente dos travões a lançar uma revoada de pássaros no céu noturno. Assim que o motor barulhento se calou, o manto de pesado silêncio voltou a instalar-se.

Dentro do veículo, Sebastian Trost manteve os faróis acesos, iluminando o caminho gelado que desaparecia à sua frente, penetrando na floresta. Não havia lua naquela noite e começara a cair uma neve ligeira.

Na infância, Sebastian caçara ali com o pai e conhecia bem aquela estrada pouco frequentada dos arredores de Schwedt, perto da fronteira polaca. Mas, na escuridão, os familiares bosques pareciam-lhe hostis e ele desejou novamente poder estar em casa.

Juntou as mãos e bafejou-as, tentando aquecê-las após a longa viagem, lançando em seguida outra olhadela furtiva pelo espelho retrovisor.

Volkmar, o seu patrão, estava sentado no banco de trás, com o chapéu bem enterrado na cabeça. Sebastian ouvira rumores na fábrica de aço onde trabalhava de que a família do patrão tinha sido presa e torturada pela Stasi, e que o próprio Volkmar tinha nascido na prisão. O seu rosto era magro e lembrava o de um roedor. Era o rosto de um homem disposto a fazer o que quer que fosse para sobreviver.

Sebastian só começara a conduzir o carro de Volkmar há duas semanas – fora recrutado contra a sua vontade depois de ter visto o patrão apunhalar um homem no terminal de carga da fábrica de aço. Temendo pela própria vida, Sebastian fizera vista grossa. Conhecia perfeitamente as regras do jogo. Se ficasse de boca fechada, a sua família viveria.

Tentando disfarçar o tremor das mãos, resolveu acender um cigarro. E tornou a olhar pelo espelho retrovisor, focando-se então no espaço adjacente a Volkmar.

No banco traseiro, ao lado do patrão, estava um cesto grande de pão com dois bebés adormecidos, cada um deles embrulhado numa mantinha grosseira de tricô. Com uma pontada de remorsos, Sebastian interrogou-se sobre quanto tempo demoraria Martina, a sua esposa, a dar pela falta das preciosas mantas. Lembrava-se bem de ver os seus próprios filhos embrulhados naquelas mesmas mantinhas quando eram pequeninos.

– Onde raios está o homem do Solya? Ele já devia estar aqui – protestou Volkmar, consultando o relógio antes de tirar uma pistola do bolso do casaco e lhe tomar o peso com a mão.

Solya.

O homem mais temido das redondezas. Para Sebastian e a sua família, o mero facto de saberem o seu nome podia significar uma execução brutal às mãos da Stasi.

Sebastian afastou esse pensamento, substituindo-o por uma imagem de Martina em casa e do guisado de coelho que ela preparara para ele. Tentou imaginar-se a dormir mais tarde na sua dura cama sob a coberta de pele, com a mão a envolver o amplo peito da mulher. E como sincronizaria a respiração com a dela. E nunca lhe diria que ali estivera naquela noite. Nem porquê.

Mas, enquanto observava o túnel de neve, e por mais que tentasse pensar noutras coisas, as interrogações continuavam a inundar-lhe a mente. De onde tinham vindo as crianças? Quem eram as suas mães? Como conseguia Volkmar deitar-lhes a mão?

Um dos bebês estremeceu então, gemendo com um lamento brando que dilacerou o coração de Sebastian.

– O que foi? – grunhiu Volkmar de forma impaciente, como se apercebesse do seu desconforto.

– Eu estava... estava aqui a pensar... Para onde vão as crianças? – perguntou Sebastian, tentando parecer interessado e não aterrado por ser cúmplice de tudo aquilo.

– Que importa isso? Ganho mil marcos por cada uma – respondeu Volkmar. – Mas consta que uma delas irá para a América.

Sebastian sentiu um lampejo de orgulho no tom do patrão.

– Não há bebês que cheguem na América?

– Não anónimos. E não pequeninos como estes, sem papelada e sem passado – explicou Volkmar.

– E o outro?

Volkmar encolheu os ombros e, ao ver a sua expressão soturna no espelho, Sebastian compreendeu o destino da outra criança. Já ouvira dizer que a rede clandestina de Solya estava ligada a Bolkav, o orfanato situado no meio dos montes, um lugar envolto em mistério para onde iam muitas crianças mas do qual quase nenhuma saía. Sebastian escutara conversas na sala de picar o ponto da fábrica sobre órfãos que acabavam em filmes. Filmes horríveis e violentos, que assombrariam qualquer pessoa para sempre.

Se era esse o destino de uma das crianças, então aquela noite seria certamente o único vislumbre de liberdade que alguma vez teria.

Ao longe, duas luzes surgiram por entre as árvores. Sebastian pestanejou, encandeado, à medida que elas se aproximavam e um velho *Mercedes* se imobilizava no caminho à sua frente. Só então os faróis se apagaram.

Sebastian sentiu o cano da pistola de Volkmar cravar-se nas costas do seu assento.

– Sai e ajuda-me com o cesto – disse o patrão.

Sebastian apressou-se a fazer o que lhe mandavam. Quanto mais depressa tudo terminasse, melhor.

O exterior não estava mais frio do que o interior da viatura, mas o silêncio conspiratório da floresta fê-lo estremecer. Comparado com a vila onde morava, sempre empestada com a poluição industrial, o ar ali era límpido e Sebastian apercebeu-se de que tinha todos os seus sentidos em alerta. Perscrutando o negrume do *Mercedes*, conseguiu discernir duas silhuetas.

Deitou o cigarro para o chão – este chiou ao tocar a fresca camada de neve – e apressou-se a abrir a porta de trás do *Trabant* e a retirar o cesto, aconchegando-o a si num gesto instintivamente protetor.

Ouviu em seguida o som de portas de automóvel a fecharem. Virando-se, viu dois homens a avançarem na sua direção. Um deles era enorme – parecia um urso gigantesco, de barba negra. O outro envergava um casaco de couro comprido. Sebastian constatou que era bastante novo: andaria no máximo pelos trinta e poucos anos. Tinha os ombros largos e constituição atlética, e cabelo louro muito curto. Poderia ser considerado bem-parecido se não fossem aqueles olhos azul-claros. Eram olhos de predador, como se, à mínima oportunidade, nos pudesse arrancar a carne dos ossos e os deixasse a secar ao sol.

– Solya – exclamou Volkmar, avançando para junto de Sebastian. – Não contava vê-lo.

Sebastian sentiu a garganta apertar-se-lhe de medo.

– Volkmar, meu velho amigo – disse Solya, o mais pequeno dos dois, esticando o braço e avançando para abraçar Volkmar.

Sebastian reparou que os seus dentes eram imaculadamente brancos.

– Tem-nas aí? – perguntou ele, recuando e mexendo na manga do casaco de forma a expor uma grossa pulseira de ouro.

– Sim. Estão ambas aqui. Tal como pediu – respondeu Volkmar, acenando para Sebastian, que avançou segurando o cesto como se exibisse uma fornada de pão pronta a ser inspecionada.

Os olhos pálidos de Solya cintilaram ao contemplar os bebés.

– Ótimo – afirmou ele, sorrindo, retirando de dentro do casaco um limpíssimo envelope branco que comprimiu contra o peito de Volkmar. E Sebastian vislumbrou o canto de um imaculado maço de notas por entre a aba aberta.

Solya ergueu em seguida a mão enluvada, num gesto dirigido ao guarda-costas atrás de si.

– A *vodka*, Udo – pediu ele, estalando os dedos com urgência.
– Para o nosso amigo.

Solya deu a Volkmar a garrafa que Udo lhe passara. Uma luva negra contra um rótulo prateado.

– Um pequeno gesto de boa-vontade – afirmou.

– Obrigado. Muito obrigado, senhor – disse Volkmar ao homem mais novo, agarrando a garrafa e inclinando respeitosamente a cabeça.

Solya deu um estalido com a língua e voltou-se para Sebastian. Dois narizinhos húmidos erguiam-se, quais botões de rosa, das mantinhas verde e amarela que Martina tricotara tantos anos antes.

– Então, qual delas vai ser? – indagou Solya na sua pronúncia berlinense. A leveza do seu tom conferia à cena uma nota jocosa.
– Porque, de facto, ambas são suficientemente pequenas para o fim pretendido. Escolha você – disse ele, olhando diretamente para Sebastian. Retirou em seguida uma moeda do bolso e atirou-a ao ar, apanhando-a e pressionando-a contra as costas da mão. – Qual destas irmãs irá ter a boa vida? E qual a má?

Irmãs? Ninguém dissera a Sebastian que as crianças eram irmãs. E, de alguma maneira, o facto tornava tudo aquilo ainda pior. Duas irmãs com uma diferença de idades tão pequena – nenhuma mãe poderia suportar uma tal perda.

Sebastian sentia o coração a bater descompassado no peito. Solya inclinou ligeiramente a cabeça, como se o conseguisse ouvir. Os seus olhos gélidos pareciam penetrar a mente de Sebastian e este

soube, com a mais absoluta certeza, que aquele homem era um demónio e que ele, Sebastian, estava condenado.

Olhou então para as duas meninas inocentes. Desejava poder agarrá-las e fugir para longe, embrenhando-se no meio da floresta para nunca mais voltar.

– Eu... eu não posso – balbuciou ele com a voz a tremer. E a princípio achou que Solya iria ficar zangado, mas depois viu que ele estava a sorrir.

– Sim – afirmou Solya, inspecionando por fim a moeda. – Tem razão. Se alguém deve fazer de Deus, esse alguém sou eu. – O homem levou as mãos ao cesto, agarrando e acomodando um bebé em cada braço. Nas mãos de Sebastian, o recipiente ficou desesperadamente vazio.

Só então Sebastian reparou que um dos bebés estava acordado. A irmã maior.

A criança não produzia qualquer som. Limitava-se a fitar Solya com os olhinhos a brilharem como dois seixos negros.

– Gosto desta – disse Solya. – Sim, esta fica para mim. Agora diz adeus à tua irmãzinha. – E virou os bebés momentaneamente um para o outro como se não passasse de um jogo. – E esta outra, a sortuda, será entregue ao Walchez. Ele saberá o que fazer – disse ele a Udo, o guarda-costas, entregando-lhe a irmã mais nova embrulhada na mantinha amarela.

O bebé parecia ridiculamente pequeno e vulnerável nos braços do gigante. Mas não acordou.

– Está feito – afirmou Solya, anuindo com um aceno de cabeça antes de dar meia-volta e regressar ao *Mercedes*, com Udo a seguir pesadamente no seu encalço.

Sebastian olhou então para Volkmar, que, com uma expressão aprovadora, examinava o rótulo da garrafa de *vodka*.

Poderia ser de facto assim tão simples? Que aquela coisa terrível que eles tinham feito ali fosse esquecida e nunca mais mencionada?

«Não», pensou Sebastian. *Ele nunca esqueceria.*

E ali ficou a segurar o cesto vazio, vendo os homens entrarem para o carro. Depois o motor roncou, o veículo deu meia-volta e os bebés desapareceram.

Volkmar enfiou a garrafa no bolso do casaco e esfregou as mãos.

– Do que estás à espera? – perguntou ele. – Temos de ir celebrar.

PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO 1

Outubro de 1979

Ao contrário do que o nome sugeria, Little Elms nada tinha de pequeno. Efetivamente, a propriedade de cento e vinte e cinco hectares, com a sua mansão cinzenta atoreada e lagos ornamentais, era famosa pelos majestosos olmos que, naquela altura do ano, a meio de outubro, eram o orgulho da Nova Inglaterra.

Theadora Maddox levantara-se cedo para a sua aula de equitação e estava parada no meio do amplo círculo de gravilha em frente à casa. Envergava uma imaculada casaca de montar vermelha, calças de tom creme e toque preto e, de costas muitíssimo direitas, montava *Flight*, um *cob* galês cinzento. O sol derretia a geada do relvado, transformando-o num mar de diamantes, e Thea inspirou o ar fresco da manhã. Adorava aquele lugar e estava certa de que o dia que despontava iria ser perfeito.

Ao longe, para lá da alameda de reluzentes árvores de tons dourados e acobreados, ficavam os estábulos onde o pai, Griffin Maddox, instalara em tempos *Showbiz*, o triplo campeão do Kentucky Derby. E também *Stardust*, o cavalo de saltos com que Alyssa, a mãe de Thea, participara nos Jogos Olímpicos de Roma no verão de 1960, ganhando uma medalha de ouro.

Mas Maddox – reputado editor jornalístico, empresário e agora presidente executivo da Maddox Inc., um grupo de comunicação

social internacional em rápida expansão – era agora um homem diferente. Raramente montava os seus puro-sangue ou conduzia o *Lotus* personalizado ou os antigos *Aston Martins* que enchiam as garagens da propriedade, preferindo ficar em Manhattan durante a semana, onde podia controlar o crescente império de forma mais eficiente.

E Alyssa Maddox? Bem, ela era a razão para Thea estar a pé tão cedo. Thea estava apostada em aprender a saltar antes que a mamã regressasse do hospital. Sabia que a mãe desejava poder voltar a montar e cavalgar com a sua única filha e Thea iria concretizar o seu sonho. Custasse o que custasse.

A mamã crescera em Inglaterra, mas mudara-se para a América quando herdara Little Elms dos avós, os McAdams, que tinham feito fortuna no ramo imobiliário, em Manhattan. E tinham construído a propriedade como uma réplica melhorada do seu ancestral lar na Escócia. A herança coincidira com a altura em que Alyssa se apaixonara por Griffin Maddox e a rapariga deixara a Inglaterra e mudara-se de corpo e alma para Little Elms.

Thea nunca se esquecia da sorte que tinha por viver ali e, tal como a mãe antes dela, considerava a propriedade o seu verdadeiro lar. Um lugar onde tudo estava em sintonia com o resto do mundo.

Sim, Thea estava certa de que em breve tudo regressaria à normalidade. Assim que o estúpido cancro que a mamã tinha desaparecesse e ela regressasse a casa. Então Alyssa e Griffin Maddox seriam de novo o casal sensação da Nova Inglaterra. Haveria a gincana na primavera e depois, no verão, todos os amigos elegantes da mamã e do papá apareceriam para o celeberrimo baile anual dos Maddox.

Ao lado dela, Johnny, o responsável pelos cavalos, enfiou-lhe a bota polida no estribo, tocando-lhe em seguida na perna.

– Está tudo pronto – afirmou ele na sua pronúncia inglesa, sorrindo para ela. Envergava o uniforme habitual: – impermeável salpicado de lama e botas de montar, e, quando olhou para ela, Thea reparou que as suas faces bronzeadas estavam afogeadas do esforço de ter preparado o cavalo e o ter trazido tão cedo para a casa.

Johnny crescera com a mamã em Inglaterra, e fora ele quem trouxera para a América os cavalos dos McAdams, nunca tendo depois regressado a casa.

– Onde está o Michael? – perguntou Thea.

– Provavelmente a terminar as suas tarefas – disse Johnny, esfregando o flanco de *Flight* e contornando-o para agarrar as rédeas.

– Mas vais mostrar-me os *mesmíssimos* saltos que lhe ensinaste, não vais, Johnny?

Michael Pryor podia ter mais vinte meses e cinco dias do que ela, e ser um rapaz, mas Thea estava apostada em superar tudo o que ele fizesse.

Johnny Faraday esfregou as sobrancelhas e sorriu para si próprio. Sabia perfeitamente que a motivação da rapariga para a aula extra, para além de conseguir pôr um sorriso no rosto da sua pobre mãe, era superar Michael. Nunca antes conhecera uma criança tão obstinada ou competitiva quanto Thea. Estava prestes a fazer oito anos, mas tinha a determinação de alguém de dezoito.

Tal como os restantes empregados, Johnny interrogava-se muitas vezes sobre até onde chegaria a relação de Thea e Michael. Desde que Alyssa fora diagnosticada, os Maddox tinham optado por educar a filha em casa, em Little Elms. Mas, naquele ambiente fechado, Michael Pryor era a única criança da idade da menina. E, por insistência da própria, os dois partilhavam as lições, bem como os momentos de lazer.

Johnny não perspectivava, no entanto, um futuro risonho para a relação. Por mais esperto que Michael fosse, não deixava de ser apenas o filho da governanta, ao passo que Thea Maddox era... bem, era ela própria: Theadora Maddox, uma herdeira com um futuro brilhante diante de si. O céu era de facto o limite para uma criança como Thea, com a arreigada convicção de que era tão forte como qualquer rapaz. E o mais curioso era ela estar provavelmente certa, pensou Johnny. Afinal de contas, se na velha pátria, em Inglaterra, podiam eleger Margaret Thatcher para primeira-ministra,

quem poderia dizer onde chegaria Thea no futuro, com todas as oportunidades que havia ali nos Estados Unidos.

O mais triste era o facto de as personalidades de ambos, de Thea e de Michael, se complementarem de forma ideal, apesar de provirem de lados opostos da escala social. Só Deus sabia o que aconteceria dentro de alguns anos, quando os dois atingissem a puberdade.

Apenas o futuro poderia dizê-lo, pensou Johnny. Por ora, Thea era ainda uma criança. E que mal podia haver numas quantas faíscas sempre que ela e Michael se provocavam? Johnny bem sabia que o seu trabalho seria muitíssimo mais soturno se Thea tivesse outro tipo de personalidade. Saía à mãe, pensou o tratador com carinho. As duas eram duras como aço.

– Espero sinceramente que não esteja a encorajar a Thea a tentar saltar muito alto – disse Mrs Douglas, saindo pela porta dos fundos.

Johnny pousou as mãos sobre as ancas estreitas e sorriu. Como sempre, a precetora de Thea parecia mal-humorada, e estava vestida como quem ia para um funeral.

– Não se preocupe, Mrs D. – respondeu Johnny, sabendo o quanto a abreviatura do seu nome aborrecia Mrs Douglas, que se achava digna de enorme respeito por ter sido precetora de Alyssa Maddox em Inglaterra, para além de o ser agora da filha. – Já lhe disse antes que sou perfeitamente capaz de supervisionar as aulas de equitação da Thea.

Thea sorriu, grata como sempre a quem quer que contrariasse Mrs Douglas. Ver os empregados discutirem sobre a melhor forma de a educarem era um divertimento recorrente.

– Tenham cuidado – insistiu Mrs Douglas, enquanto Johnny conduzia *Flight* pelo caminho de gravilha em direção ao picadeiro.

– Fique descansada – gritou Johnny de volta, fazendo-lhe continência sem, no entanto, se virar. – Escuta bem – disse ele então a Thea. – Não me podes deixar ficar mal, nem lhe dar a satisfação de estar certa, magoando-te ou algo do género.

Mas Thea não achava sequer que tal pudesse acontecer. A mamã fora uma cavaleira famosa. Portanto, era lógico que Thea saísse a ela.

Meia hora depois, Thea estava ofegante, tendo obrigado *Flight* a saltar dez vezes sobre a barra baixa sem sequer a roçar.

– O Michael consegue fazer o mesmo? – perguntou Thea a Johnny, dando a volta na sua direção.

– Oh, sim, o Michael consegue fazer o mesmo – disse uma voz imitando a dela.

Thea virou-se e deparou-se com Michael Pryor, o seu melhor amigo e rival, a entrar no picadeiro montado em *Buster*, o desgredado e teimoso pônei castanho que era a piada dos estábulos mas que Michael conseguia sempre montar de forma soberba.

Ao contrário de Thea, Michael não estava vestido a rigor. Envergava umas velhas calças de ganga e uma camisa aos quadrados por baixo de um blusão também de ganga, e a loira cabeleira cor de mel assomava-lhe sobre a testa por baixo do gorro.

– Ele consegue fazer o mesmo, só que mais depressa – gabou-se ele, avançando para ela com os olhos a brilhar.

– Ai sim? – exclamou Thea com as faces a arder. – Mais depressa do que *isto*?

E enterrou os calcanhares nos flancos de *Flight*, trotando em direção ao obstáculo, instando o cavalo a saltar de forma perfeita. O animal correspondeu e a menina foi invadida por uma enorme satisfação quando se virou e viu Michael aplaudi-la, sentado na sela.

– Foi demasiado fácil. Ela pode saltar mais alto, não pode, Johnny? – perguntou Michael. – Eu ajudo-te a elevar a barra.

Johnny anuiu com um aceno de cabeça. Apesar do aviso de Mrs Douglas, sabia que Thea estava preparadíssima para os saltos maiores. E, além disso, sabia que não a conseguiria dissuadir do desafio que Michael lhe lançara.

– Está tudo bem? – indagou Johnny, vendo os círculos negros sob os olhos de Michael enquanto este o ajudava a preparar o salto.

– Fiz o turno do Guido – explicou o rapazinho.

Guido, o jardineiro, sofria das costas e, portanto, Michael fizera o seu trabalho, mas Johnny sabia que ele nunca deixaria Thea perceber que estava exausto. Não era da sua natureza queixar-se.

Da outra ponta do picadeiro, Thea viu Michael e Johnny afastarem-se. A barra parecia estar um bom meio metro mais alta do que antes.

– Nós conseguimos – murmurou ela, acariciando o suave pescoço do cavalo antes de dar novamente a volta e se posicionar, lançando então *Flight* a meio galope em direção ao obstáculo.

Mas saiu-lhe tudo mal. Em vez de saltar majestosamente sobre a barra, como planeara, e depois se virar para Michael, sorrindo de forma triunfal, viu *Flight* atrapalhar-se ao aproximar-se do obstáculo e aterrar atabalhoadamente, projetando-a da sela e lançando-a para o chão.

Michael foi o primeiro a alcançá-la.

– Thea, Thea – exclamou ele, atirando-se de joelhos para junto dela. – Oh, meu Deus. A culpa é toda minha.

Apostada em não chorar à frente de Michael, Thea inspirou fundo. Tinha feito asneira. E então? Isso não significava que lhe daria a satisfação de a ver comportar-se como um bebé. Mas depois percebeu que ele não estava a rir.

– Desculpa-me – disse ele, olhando-a nos olhos.

Thea nunca antes reparara quão belos eram os laivos dourados dos seus olhos cor de avelã.

– A culpa não foi *tua* – disse ela, conseguindo sentar-se. – Não se costuma dizer que o orgulho antecede a queda?

Johnny alcançou Thea no momento em que esta pronunciava a frase e sorriu aliviado ao ver que ela estava bem. Levou então a mão à cabeça da menina e despenteou-lhe os cabelos loiros. Por vezes, partia-lhe o coração ouvi-la dizer coisas tão sérias sendo ainda uma criança. E ajudou-a a levantar-se.

– Não tens nada partido, pois não? – inquiriu ele, apanhando-lhe o toque do chão e devolvendo-lho.

– Ainda não foi desta – afirmou Michael, colocando o braço em torno dos ombros de Thea e abraçando-a.

– Ai – reclamou ela, estremecendo de dor, sabendo que o ombro iria certamente ficar roxo. Mas Michael não pretendia magoá-la e resolveu dizer então num tom mais gentil: – Desanda ou ainda me pegas a peste.

– Certo. Mas não contes a Mrs D nem ao teu pai o que aconteceu, senão ele despede-me – disse Johnny. Estava a sorrir, mas o seu tom era sério. Griffin Maddox era por vezes um patrão execrável e aquela menina era a luz da sua vida.

Thea soltou uma gargalhada.

– Claro que não.

A mera ideia de prejudicar os empregados horrorizava-a. Thea via-os praticamente como família.

Mas enquanto os dois se preparavam para a ajudar a montar de novo *Flight*, algo chamou a atenção da menina. E ela protegeu então os olhos do sol forte com a luva de montar enlameada.

Uma elegante limusina negra subia a alameda, assomando por entre as árvores.

– Vejam! É o papá.

– É melhor eu ir avisar a minha mãe – disse Michael, olhando para Johnny. – Ela só os esperava no fim de semana.

Mas Thea já não estava a ouvir. Tinha-se afastado a correr, cortando diagonalmente o picadeiro, e o toque caíra-lhe da cabeça à medida que agitava os braços, com um enorme sorriso de felicidade estampado no rosto.

Afogueada, Thea alcançou o portão do picadeiro no instante exato em que a limusina negra surgia a seu lado no caminho de grilha. A menina encavalitou-se numa das traves de madeira do portão com o coração a bater de excitação. Não via os pais há praticamente um mês, e a sua presença ali só podia significar que a mãe estava melhor.